

TESTES NUCLEARES NO CEARÁ? : MEMÓRIA, IMAGINÁRIO E NOVOS SIGNIFICADOS
DO CLARÃO EM MADALENA NO FIM DA DÉCADA DE 1950.

Tácito Thadeu Leite Rolim – Mestrado História Social / UFC

Alguns assuntos podem parecer distantes uns dos outros e aparentemente não guardar nenhuma relação entre si, pelo menos até o momento em que nos deparamos com trilhas que acabam, no convergir e divergir do seu traçado, por nos levar a um local inesperado e inusitado. Explosões nucleares e sertão cearense se constituem em excelentes exemplos do que estamos falando. E foi exatamente assim que nos sentimos ao ler o artigo “*Bomba Atômica no Nordeste?*”, de 29 de novembro de 1998, publicado no jornal “O Povo” de Fortaleza - CE. Carlos Emílio Correia Lima, autor do artigo, menciona uma passagem do livro “Caminhos Brasileiros do Desenvolvimento”, de Leôncio Basbaum, publicado em 1960 pela Editora Fulgor. Este livro pertencia ao pai de Carlos Emílio, o sr. Hyder Correia Lima, que por força de sua profissão (ele era higienista) havia viajado muito por todo o interior cearense. Em um trecho do livro, Basbaum menciona um fato espetacular e surpreendente: a explosão recente de uma bomba-A nos céus do nordeste brasileiro, realizada “ainda recentemente” pelos Estados Unidos, sem repúdio do governo e autoridades políticas de nosso país.

E tão intrigante quanto este trecho do livro é o registro deixado a mão pelo sr. Hyder na margem direita do livro bem ao lado do trecho citado: “Quixadá?”¹. Certamente o sr. Hyder deve ter ouvido falar, lido algo na imprensa ou quem sabe até mesmo testemunhado algum acontecimento naquele município durante suas viagens que o levou a tal questionamento.

E foi com estas informações que demos início a nossa pesquisa que buscava verificar se podíamos encontrar elementos concretos, vestígios, pistas etc que apontassem para aquela possibilidade: a de ter os Estados Unidos explodido nos céus do Nordeste brasileiro uma Bomba-A, que pela data de publicação do livro (1960) e pela escrita de Basbaum (“Ainda recentemente...”), deveria ter ocorrido em fins da década de 1950.

Iniciamos por alguns livros que já dispúnhamos sobre armas nucleares, Guerra Fria, conflitos militares etc. Se estabelecermos um recorte temporal que inclua os anos de 1957-59, verificaremos que estes dois últimos anos foram de intensa atividade no que se refere a testes nucleares realizados pelos norte-americanos. E mais: é também neste período (1958) que aquele país realiza a uma série de testes clandestinos de sua história. Local dos testes clandestinos: sul do Atlântico Sul. Mas parece haver um certo desencontro de informações sobre o local exato dos testes nos jornais e revistas da época: segundo algumas revistas (“Scientific American”, maio de 1959 e “The New York Times”, 19 de março de 1959) o teste ocorrera no sul da América do Sul, enquanto outras revistas (“Time”, março de 1959) falam de um local próximo as Ilhas Falkland (Malvinas), enquanto um jornal de Fortaleza (“O Jornal”, de 18 e 19 de abril de 1959) citando um outro do Rio de Janeiro que aponta a cidade de Quixadá (!) como sítio dos testes clandestinos ². Mas o que teria levado a imprensa carioca e fortalezense ventilar a hipótese de que algo daquela natureza realmente tivesse ocorrido no sertão central cearense?

Bem, a possibilidade levantada por uma e outra imprensa deve-se ao fato de que, em julho de 1958, um fato realmente pitoresco ocorreu nos céus daquele município. Um dos jornais da época pesquisados (“O Povo” e “O Jornal”) faz menção a uma explosão de teleguiado naquela cidade enquanto um outro noticia um “ruído de uma tremenda violência sobre os tetos da cidade”, chegando mesmo a trazer o relato de uma testemunha (um deputado estadual) segundo o qual, com a explosão, “a fumaça formou uma coluna de altura impossível de calcular-se” ³.

Os testes clandestinos (no total de três explosões de baixa intensidade, cerca de 1,7 kt ⁴) conduzidos pelos norte-americanos no Atlântico Sul (?), e que receberam o codinome de Operação *Argus*, foram realizados entre fins de agosto e começo de setembro de 1958, a bordo do navio da marinha norte-americana *USS Norton Sound*, que fazia parte da Força-Tarefa 88 que incluía vários outros navios. Por se tratar de uma operação clandestina, nada foi oficialmente comentado na época sobre os testes. Os navios, no entanto, antes de retornarem as suas bases, passaram pelo Rio de Janeiro (em outubro de 1958) e segundo

“O Jornal” os mesmos “estiveram em manobras de rotina no Atlântico central desde julho” (!)
5. Foi apenas em março de 1959 que o jornal “The New York Times” (que teve um de seus repórteres convidados a participar da Operação) trouxe a tona a notícia. Pareceu, portanto, lógico inferir que as experiências nucleares realizadas no Atlântico Sul e as explosões ouvidas em Quixadá faziam parte de um mesmo fenômeno. E aqui uma dose de antiamericanismo prevalecente na época, devido a entrega da ilha de Fernando de Noronha aos norte-americanos para a construção de uma base de rastreamento de mísseis teleguiados, em janeiro de 1957, tenha corroborado na difusão da associação (Operação *Argus versus* Quixadá). Foi muito certamente daí que Basbaum tirou elementos para sua assertiva publicada em seu livro e o sr. Hyder para seu comentário na margem daquele.

No entanto, para nossa surpresa e alegria, tomamos conhecimento através de matéria no jornal “O Povo” de 10 de março de 2003 (“*Mistério no Céu do Sertão Central*”) que na cidade de Madalena (no sertão central, próximo a Quixadá), o pároco da cidade, Padre Richard Lee Cornwall (ou Padre Ricardo), americano de Omaha, Nebraska, havia iniciado uma pesquisa (desde a publicação do artigo de Carlos Emílio, em 1998) no sentido de comprovar que a explosão nuclear atmosférica realmente ocorrera e que tivera como epicentro uma área dentro do município de Madalena. Conversando com os fiéis, o Padre, que está no município há aproximadamente 10 anos, tomou conhecimento de um clarão que surgiu nos céus do então povoado de Madalena (na época distrito de Quixeramobim) ocorrido precisamente (segundo pesquisa posterior feita por ele) no dia 6 de agosto de 1957. O que antes era vagamente lembrado pelas pessoas como um “clarão”, passa a ser denominado pelo Padre de “fenômeno de 57”. O “clarão” ou “fenômeno de 57” se constituiu de um clarão intenso nos céus do município testemunhado por várias pessoas, segundo alguns em 1957, segundo outros em 1958. Ainda segundo o Padre, o número assustador de casos de câncer e de defeitos congênitos na comunidade pós-“fenômeno de 57” parece apontar para um evento específico que envolveria a utilização de armas nucleares: era como se este “fenômeno” servisse de divisor de águas na saúde pública do município. O artigo de Carlos Emílio veio apenas confirmar a suspeita. Meticuloso, o Padre Ricardo

reuniu provas documentais, contactou autoridades da saúde pública, técnicos em energia nuclear e consultou bibliografia no Brasil e no exterior. No levantamento feito pelo Padre Ricardo, a suspeita ganhou cabeça, corpo e nome: o SLBM ⁶ “Polaris” A-1 que estava sendo testado em 1957.

Por várias vezes visitei o Padre Ricardo ⁷ na cidade de Madalena e pudemos, assim, acrescentar elementos importantes a uma e outra pesquisa. E algo que constatei em minhas visitas a cidade, ao Padre e aos sertanejos foi que o clarão, lembrado por alguns e esquecido por outros, adquiriu na época, para aqueles que o testemunharam, uma importância que parece ter se limitado apenas ao momento mesmo de seu acontecimento: foi motivo de comentário na comunidade que, sem conseguir achar uma explicação razoável, limitou a encará-lo como um “sinal do fim do mundo” ou um outro tipo de explicação qualquer, fazendo com que o mesmo caísse no esquecimento e que fosse recordado e rememorado apenas 40 anos depois com a curiosidade despertada pelo Padre. Assim, trazendo à tona uma explicação científica para o “clarão”, o Padre retira-o do lugar mítico e imprime nele uma objetividade que permite explicar também as mazelas que ora atingem a população. Falando de seu lugar social de pároco da comunidade, o seu discurso atinge os “corações e mentes” das pessoas. O Padre faz campanha entre os moradores para evitarem o consumo de água da superfície e do subsolo (segundo ele contaminada com radioatividade), e para isso incentiva a construção de cisternas de placas para captação de água da chuva: o município já dispõe de centenas de cisternas de placas.

E como efeito complicador, a maior mina de urânio do Brasil, a de Itataia, fica localizada a umas poucas dezenas de quilômetros a noroeste do município de Madalena. O Governo do Estado tem mostrado interesse em reativar a mina: mais uma vez o Padre mostra a população os perigos de se mexer “na radioatividade que Deus colocou na terra”.

¹ Quixadá é uma cidade do interior cearense e que dista aproximadamente 130 quilômetros em linha reta da capital Fortaleza.

² Segundo informações oficiais do governo norte-americano, publicadas no *United States Nuclear Tests: July 1945 through September 1992* (United States Department of Energy, Nevada Operations Office, Las Vegas,

Nevada, December 2000 (DOE/NV--209-REV 15)), o teste ocorrera entre a África do Sul e o sul da América do Sul. O documento chega mesmo a trazer as coordenadas dos testes.

³ “O Jornal”, 27 de julho de 1958.

⁴ A potência de 1 kt equivale a 1.000 toneladas de explosivo T.N.T. Para efeito comparativo, as bombas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki em 1945 tinham, cada uma, um potência entre 15 - 20 kt.

⁵ “O Jornal”, 27 de outubro de 1958.

⁶ SLBM – *Sea Launched Ballistic Missile* ou Míssil Balístico Lançado por Submarino.

⁷ Na realidade, em visita a Carlos Emílio em 27 de dezembro de 2001, ele nos falou de “um padre de Madalena” que o havia telefonado dizendo que a explosão ocorrera em Madalena. Não verifiquei *in loco* a informação: deixei para fazê-lo somente após a leitura da matéria no jornal, e em 19 de março de 2003 visitei o Padre Ricardo.